

Correio das Artes

Ano II Número 54 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 24/12/1950



Xilogravura de YLLEN KERR

PRECE DO NATAL

RUY BARBOSA

MISTÉRIO divino, em cujo seio, há mil e novecentos anos, se desenvolve a civilização humana, perdôa-nos que deste lugar de fraquezas e paixões ousam esflorar com o pensamento a tua pureza. Os moldes da única eloquência capaz de te não profanar quebraram-se com a última inspiração dos teus livros sagrados. Desde então, de cada vez que o homem se desengana do homem, e a alma precisa do ideal eterno, na melancolia das épocas agitadas e tenebrosas, diante da injustiça ou da dúvida, da opressão ou da miséria, é no cristal das tuas fontes que se vai saciar a nossa sede. Deixaste as aberturas na rocha da tua verdade, e há dezenove séculos que borbotam, com o mesmo frescor sempre das primeiras lágrimas daquela, cuja maternidade virginal desabotoava hoje a flor da redenção cristã.

Tamãha é a tua grandeza que excede todas as do universo e da razão: o espaço, o tempo, o infinito, acima dos quais a cruz da tua tragédia espantosa parece maior que os vãos da metafísica, as imensidades do cálculo as hipóteses do sonho. Dá a palavra e a imaginação recuam assom-

bradas, balbuciando. A criatura sente o teu amor, mas tremendo. Vê-se alvorecer a eternidade na magnificência de um abismo que se

rasga no céu; mas nas suas arestas alguma coisa há de sombra e ameaça. De onde, porém, tu penetras no coração de todos com a docu-

ra de uma carícia universal, é daquele presepe, onde a tua bondade nos amaneceu um dia no sorriso de uma criança.

Enquanto CÉSAR cuidava do império, e Roma do mundo, assomavas tu ao canto de uma província e na vileza de um estábulo, sem que Roma, nem o império, nem CÉSAR te percebessem para ficar à posteridade a lição indelével de que a política ignora sempre os seus mais formidáveis interesses. Tiveste por berço as palhas de um curral. A última das mães sentir-se-ia humilhada, se houvesse de reclinar o fruto do seu regaço no sítio abjeto, onde recebeste os primeiros carinhos da tua. Mas a mangedoura, onde só abriste os olhos à primeira luz, rescende até hoje o perfume da mais exquisita poesia, e o dia do teu natal fez-se para a cristandade o mais formoso dia da terra, o dia azulado e côr de rosa entre todos como o céu da manhã e o rosto das crianças.

Elas, de geração em geração, ficaram sabendo para todo o sempre a história do teu nascimento. E nessas festas do teu contentamento e da sua inocência tens,

(Cont. na pág. 2)

NATAL

MURILO MENDES

MEU outro eu angustiado desloca o curso dos astros, atravessa os espaços de fogo e beija a orla do manto divino.

E o Sêr dos sêres envia seu Filho para mim, para os outros que O pedem e para os que O esquecem:

Uma criança dançando segura uma esfera azul com a cruz equilibrada nela;

Vêm adorá-la brancos, pretos, mulatos, portugueses, turcos, alemães, russos, chins, polacos, banhistas, beatas, cachorros e gatos.

A presença da criança transmite aos homens uma paz inefável que eles comunicam nos seus lares a todos os amigos e parentes.

Anjos serenos sobrevoam o mar, os morros e os arranha-céus, desenrolando, de combinação com a rosa dos ventos, grandes letreiros onde se lê: GLORIA A DEUS NAS ALTURAS E PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BÔA VONTADE!

O! Natal e as Lapinhas

CORIOLOANO DE MEDEIROS

DEZEMBRO entrava aos empuxos de mil preocupações.

Todos guardavam no íntimo um desejo a realizar. Todos sonhavam dias fartos e alegres durante o Natal: a roupa nova para a missa do Galo, pratos diferentes dos triviais; diaheiro para as bróas, sequinhos, pasteis, doces secos; para o vinho, a genebra, o licor de rosa; o necessário para uma temporada na praia, num engenho ou num sítio que tivesse um riacho de boas águas, umas mangueiras copadas, uns cajueiros frutificando.

Doce de cajús e queijo para uns; cajús e aguardente para outros!

Os meninos não diferiam dos adultos. Ao entrar o mês, já tinham oculto um cofrezinho de madeira, com abertura na face superior, por onde deitavam as moedas de vintem que podiam sem adquirir. Era o mealhinho destinado às férias e às festas do Natal.

As férias!... que dia suspirado! No decorrer dos meus primeiros tempos de escola, começavam no dia de São Tomé, 20 ou 21 de dezembro e terminavam no primeiro domingo depois da Epifânia. As férias outrora eram para os alunos: tinham estes a liberdade de brincar, correr, saltar, comer; de se banquetear. Hoje são elas divertimentos

para mestres e pais de alunos; pobres crianças que suam e tremem nas angústias das representações, constituindo-se agora o dia das férias, para o escolar, um dos mais apertados de sua vida! Que coisa sensa-

cional, para os alunos de uma escola, no passado, o furto da palmatoria, uma semana antes do encerramento das aulas, e a volta no dia das férias, toda afofada em laços de fitas, deitada numa bandeja so-

bre um lençol de flôres!

Quinze dias antes de 25 de dezembro, uma comissão de pessoas consideradas percorria todo o bairro solicitando esportulas para a missa do Galo, à meia noite, e era uma decepção quando o Padre só a podia celebrar em segundo lugar ou no terceiro. Em qualquer dos casos, a população aguardava acordada a hora da missa e, para fazer tempo, se reuniam as famílias em brinquedos de prendas, modinhas ao violão, recitativos, danças. Uma grande parte recorria às visitas. Assim as ruas perdiam seu aspecto silencioso e triste, as casas se animavam, oferecendo-se as pessoas amigas, pasteis, doces, vinhos, frutas secas e queijo do reino, marca camelo, procedente da Holanda e vendido ao preço exorbitante, diziam, de cinco a seis mil réis cada um. Os meninos maiores de oito anos tinham permissão de andar por onde quisessem, contando que, a hora da missa estivessem reunidos aos pais.

O largo da igreja constituía-se o ponto de atração. Alas de taboleiros, botiquins vendendo copos de capilé e de gengibirra a vinte réis... Ao paladar das crianças sabia deliciosamente o capilé de abacaxi e, ainda mais a gengibirra, também do referido fruto. Nêles se dissolviam os vintens pacientemente reunidos. Na esquina permanecia aberta e iluminada a mercearia que foi do tenente Jesuino, depois, de Biu Monteiro e por último, do Fonseca, como abertas se conservavam todas as vendas e bodegas do Tambiá despachando os freguezes enfarpelados em roupas novas de cassineta, chapéu de massa, botinas de elástico em couro Darvão, algumas fabricadas por seu Virginio, o melhor sapateiro do bairro, que, a cada encomenda recebida, pedia logo três mil réis para «comprar cabedal».

(Cont. na pag. 6)

PRECE DO NATAL

(CONCLUSÃO)

ó DEUS dos mansos e dos fracos, dos humildes e dos pequeninos a parte mais limpa do teu culto, o raio mais meigo da tua influência benfazeja. Esses ritos infantis estrelam de alegria as neves polares, orvalham de suave umidade os fulgores tropicais, estendem o firmamento debaixo dos nossos tetos, e dentro do nosso espírito mortificado, inquieto, triste, põem uma hora de alvorada feliz.

CRISTO, como te sentimos bom quando te vemos entre as crianças, e quando as crianças te encontram entre si. Despidendo a tua majestade toda, para caberes num seio de mulher e no tamanho de um pequenito, assentaste sobre as almas um império sutil e irresistível, por onde a espontaneidade da nossa adoração continuamente se re-

nova e embalsama nas origens da vida. Todos aqueles, pais, irmãos, ou benfeitores, a quem concedeste a bênção de amar um menino, e o têm nos braços ou o prenderam, vêem nele a tua imagem, a cópia, idealizada pela fé e pelo amor, do eterno tipo do belo. Divinizando a infância, nascendo e florescendo como ela, deixaste à espécie humana a reminiscência mais amável e celeste da tua misericórdia para conosco.

De cada casa, onde permitiste que gorgoe e pipile esta manhã um desses ninhos tecidos pela providência das mães no meio das nossas agonias, se estão exaltando para ti as súplicas e os hinos do nosso alvoroço. Por essas criaturinhas, Senhor, é que nosso espírito se peja de cuidados e a nossa previsão, agora mesmo, enoiteceria de agouros funestos, se te não vissemos de permeio entre elas e o futuro carregado e temeroso. DEUS benigno e piedoso, que em cada uma delas nos deixaste a miniatura da tua face desnublada, poupa-as à expiação das nossas culpas. Multiplica os nossos sofrimentos em desdém dos seus. Dura lhes o porvir de teu riso compassivo. Cura a nossa pátria da aridez da alma que mata, semeando a tua semente nesta geração que desponta. Permite, enfim, que nossos filhos possam celebrar com os seus, em dias mais ditos, a alegria do teu natal.

A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — DULCÍDIO MOREIRA

Correio das Artes

Direção de EDUARDO MARTINS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial — Rua Duque de Caxias
João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil

B E T L E M

PLÍNIO SALGADO

NUMA tarde de inverno de céu límpido, transpondo a Porta das Ovelhas e deixando para trás Jerusalém, José e Maria (ele a puxar um boi por uma corda, ela montada num jumentinho) galgavam a ladeira que sobe, entre pastagens e fragueiros, na direção de Betlém.

A proporção que iam vencendo os alicives, desdobravam-se-lhes, à esquerda as ondulações dos cômodos até ao vale do Cédron e, além do vale, o Monte das Oliveiras, a cujos pés brilhavam, aos últimos clarões do dia, as silhuetas alvacentas das casas da Betânia.

Cansados, por vezes, os viajantes se detinham e, voltando o olhar para o caminho percorrido, divisavam, sobre o monte Moreá, a cavaleiro dos altos muros o perfil do templo e, em conjunto grandioso, sobre as colinas de Sião, de Bezeta e de Acrá, o palácio de Herodes, o Sinédrio, o Pretório, as arcarias e colunatas, as torres e edificações romanas, de fachadas imponentes, como um engaste no fundo verde-prata de olivais.

O sol já se havia escondido nas montanhas cortadas pela estrada de Joze. Os viajantes deviam caminhar ainda uns dez estádios, para atingir Betlém. Eram obrigados a marchar vagarosamente porque Maria se encontrava no último período da gravidez.

Essa viagem constituiria duro sacrifício ao casal de carpinteiros. O que José auferia, construindo móveis toscos, para os habitantes de Nazaré, mal chegava à subsistência do lar. Tantos dias fora de casa, com despesas forçadas em estalagens, representavam grave transtorno do orçamento doméstico; e, não dispondo de recursos em dinheiro, José — que recebia muitos pagamentos em espécie — resolveu levar o boi, que, na Judéia, encontrará preço maior por causa da escassez do gado va-

cum nas ásperas montanhas meridionais. A viagem foi, desde o Estrelão, por etapas reduzidas e pernoites em aldeias e povoados.

Ao longo da estrada, naquele dia, notava-se grande movimento. Grupos de homens, mulheres e crianças, marchando a pé ou cavalgando jericos, moviam-se, pontilhando a paisagem com as notas vivas de seus vestidos. Muitos se dirigiam a Betlém, outros prosseguiram em itinerários exaustivos, na direção das montanhas de Hébron; e havia os que, tendo já feito as suas declarações ao recenseamento nas cidades natais, se encaminhavam

para Jerusalém onde a Festa das Luzes atraía peregrinos de toda a parte.

José e Maria, descendentes da família de David, eram obrigados pelo édito de César a se registrarem perante as autoridades de Betlém.

A coincidência da medida administrativo do Império é por demais notável como cumprimento da palavra dos profetas, nos séculos longínquos. A antevisão daqueles espíritos oraculares não se limitava a anunciar que o Salvador do Mundo sairia de Betlém. A essa predição de Miqueias,

ajuntavam-se as de Isaías e Jeremias, afirmando, no remoto passado, que o Cristo sairia da descendência de David.

Incumbiu-se a autoridade do Império Romano de registrar oficialmente (de maneira tão insuspeita quanto era o desconhecimento de César sobre os livros sagrados de Israel) a estirpe humana de Jesus. A providência administrativa não somente conduzia a Virgem para a cidade predestinada, mas ainda forçava José a fazer, perante a autoridade estrangeira, a declaração da sua estirpe e da de sua esposa. O assentamento por funcionários nacionais, sob as ordens de governo nacional, poderia elvar-se de dolos, para ajustar os acontecimentos às predições dos textos. Era mister que um povo estranho fosse incumbido desse testemunho; e, ainda aí, se cumprem as profecias que anunciam a vinda de Cristo, quando a Judéia fosse governada por um príncipe estrangeiro.

Começava a estender-se a noite pelos campos quando os dois viajantes passaram pelo sepulcro de Raquel. Que pensamentos teriam ocorrido a Maria, versada nas Escrituras, ao defrontar com aquela tumba, que ainda hoje nos comove quando por ali transitamos?

A região pastoril apresenta tranquila suavidade no desdobrar macio de cômodos ondulados. Foi nestes lugares que Jacob chorou sobre a morte da sua amada, da esposa entre todas predileta. Raquel tinha sido bela, mas estéril. Jacob servira Labão sete anos para alcançá-la. Tudo fora difícil para Jacob em relação a Raquel, pois enquanto Lia, Bilha e Zilpa lhe davam filhos, a predileta do seu coração não concebia. Só muito mais tarde, Raquel concebe e dá à luz José, gover-



— SALVE, Ó CHEIA DE GRAÇA! O SENHOR É CONTIGO; ÉS BENDITA ENTRE AS MULHERES... (S. Lucas, cap. I).

nador de povos, e Benjamin, a quem ela chamava, antes de morrer, «o filho de minha dor».

Maria, no único filho, terá o «governador dos povos», mais alto do que José, porque resplandecente de divindade, e mais do. roso do que Benjamin, porque abatido e esmagado na sua fraqueza humana.

Se esses pensamentos não passaram pela mente de Maria, é muito provável que sutil emoção a tomasse naquela estrada, naquele sítio, onde o esposo chorara a morte da esposa e onde o corpo de uma doce e encantadora mãe dormia o pesado sono dos séculos.

Pouco além, e já era noite fechada, os destroços da piscina de Salomão; e, galgando a encosta, os muros de Belém embuçados nas sombras. Em redor, as pastagens pertencentes ao Templo, onde os pastores vigiavam os animais destinados ao sacrifício em Jerusalém.

José e Maria, pela ingreme ladeira, atravessam entre magotes de viajantes, a porta que se abre na muralha e procuram a primeira estalagem. Todos os lugares estão tomados. Batem a outra porta; a segunda hospedaria também não tem aposento vago.

José pergunta aos viajantes que passam com archotes, mas todos informam que Belém se acha repleta de gente de fora, por causa do recenseamento.

Maria está fatigada. A noite é gélida e, no céu sem nuvens, cintilam as estrelas em turbilhões. José confabula com a esposa. Eles voltam sobre seus passos, à procura novamente da primeira estalagem, onde implorarão um lugar abrigado, mesmo no ático ou nas cocheiras.

As ruas agora estão desertas; os peregrinos mais felizes já se acomodaram. Aquele grupo — o homem de longo cajado, puxando o boi, a mulher cavalcando o jumentinho — se destaca, movendo-se devagar.

José bate à porta da estalagem. Uma lanterna ilumina o grupo com reflexos vermelhos.

— Já lhes disse que não tenho lugar vago, exclama o estalajadeiro, erguendo a lanterna para os examinar.

— Um lugar na cocheira... Arrisca José.

— Nem na cocheira! retruca o homem, que está com preguiça de ir dar arrumação melhor nos cavalos e asnos, a fim de fazer sobrar pequeno espaço para os infelizes, que parecem tão cansados.

Aquele hospedeiro de coração lerdo e egoísta era como tantas criaturas que, em todos os tempos, haviam de perder as grandes oportunidades oferecidas pelo Céu, por não queres abandonar alguns instantes de comodismo.

José, aflito pela fadiga de Maria, lembra-se de que no campo, em que os pastores vigiavam os animais do templo havia uma gruta aberta na face da montanha, com uma manjedoura, onde o gado comia o feno.

Dirigem-se para lá. É na encosta, que verte para o vale.

José apóia Maria da sua montada. Prepara-lhe a cama com molhos de feno e dá-lhe o grosseiro manto. Acomoda, ali perto, o boi e o jumento. Depois acende uma fogueira, senta-se numa pedra e, esten-

dendo as rudes mãos para as labaredas, contempla a noite.

E espera...

...

... No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus».

«Ele estava no princípio com Deus».

«E todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez».

«N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens».

«E a luz resplandeceu nas trevas e os homens não a compreenderam!»

«E o Verbo se fez carne e habitou entre nós» (1)

Sobre os montes escuros e silentes, os rebanhos dormem e os pastores vigiam. E eis que uma grande

estrela fulgurou na limpidez dos espaços.

Como os nautas, são os pastores familiares dos astros.

O céu é a ampulheta por onde escorre a poeira das constelações aos olhos dos que atravessam as noites sobre a terra ou sobre as águas, em vigília.

Os pastores conhecem todos os recantos faiscantes da abóbada celeste.

As ovelhas adormecem enroscando-se, confiadas na guarda insone, que apura os ouvidos aos mínimos rumores. As estrelas são também imenso rebanho cintilante.

Na alta madrugada, de tanto olhá-las, o pastor tem a impressão de haver crescido até ao firmamento ou do firmamento haver descido até ele.

Naquela noite, apareceu uma grande estrela. E eis que assustados, os pastores correram pelos campos, à procura dos companheiros; e, sendo juntos e em grupos, começaram a ouvir estranhas vozes, passando e repassando em misteriosas harmonias.

Caminharam pelos montes destacados sobre os fráguedos no fundo sideral, as bocas entreabertas, braços e pernas tremulos, o olhar pregado na desconhecida estrela, os ouvidos encantados pelos sons etéreos, sobrenaturais.

Sutil emoção, deliciosa sensação de calma e bem-aventurança tornava leves seus rudes corpos afeitos às duras fadigas. E os cantos que perpassavam no ar transparente, pareciam tecidos de sons diáfanos, de imponderabilidade mais imponderável do que a brisa mais fina.

Caminhavam, quase parlando, num arrebatamento em que não sentiam as arestas dos cardos e os acúleos das urzes agarradas aos seus pés, como chamando-os à terra. E as vozes misteriosas proclamavam:

— Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade. (2)

(Conclue na pág. 14)



JESUS

EDUARDO MARTINS

Eu Te exalto ó homem divino
não porque me ensinaste a tolerar e a perdoar
não porque me ensinaste a sentir a emoção eterna
[da beleza
não porque me ensinaste a compreender o amor
[dos infelizes.

Eu Te exalto ó homem divino
porque sem ti ó homem divino
em todas as filosofias e em todas as linguas
em todas as ciencias e em todas as artes
não existiria a harmonia universal do Amor!



Ilustração de YLLEN KERR

O P Á R O C O

Conto de COELHO NETO

A NOITE, esparzida de astros, silenciosa e morna, corria triste, sem os rumores dos outros anos, quando era vivo o venerando pároco centenário que fazia despertar a aldeia religiosa com a voz sonora do grande sino e com os repiques festivos das campanilhas.

Ia passar despercebida a grande hora da alva redentora em que Jesus nasceu. Campos desertos, choças apagadas, eiras emudecidas; apenas um ou outro campônio, saudoso do velho tempo, abria a porta da cabana para olhar os muros brancos do presbitério vazio, ou passava por entre as ramagens sob o esplendor infinito da noite constelada, como o espectro errante da alegria extinta, tocando tristemente a viola.

O luar escorria pelas arvores alvo e diáfano, tornando de prata a água lisa de um lago onde o gado descia a beber. A igreja fechada, branca, muito branca, era como uma miragem feita pela claridade do luar. Mas que diferença dos outros anos! Aquela hora as portas escancaravam-se, exalando o aroma santificante dos turibulos, e o campo enchia-se com o clangor dos hinos do povo

que saudava, no berço de palhas do presepe, o louro Jesus nascido, deitado, com simplicidade, entre a vaca e o jumento. Que diferença dos outros anos! Quem tivesse ouvido a palavra tremula do velho pároco, narrando, ao fim da missa, diante do pequeno estábulo, o mistério de Bethlem: como nascera de Maria Sempre Virgem numa creche, para exemplo dos homens, Jesus, o Rei dos Reis, a Misericórdia Suprema, — teria saudades diante de tanta tristeza.

Nos currais fechados, o gado, adivinhando a lúcida manhã, mugia profundamente. No céu puríssimo resplandecia radiosa a estrela d'alva.

Um galo solitário cantou num quintalejo; logo outros responderam dos quintais vizinhos e de sítios distantes; e, súbito, o som profundo e grave do grande sino quebrou o silêncio melancólico da noite natalícia, e logo romperam em birbalhada estridula, todas as campanilhas, juntamente como nos outros anos quando era vivo o venerando pároco...

De repente abriram-se as portas das cabanas; e campônios atônitos apareceram nas soleiras em leves rou-

pas, as cabeças nuas, com lanternas erguidas alumando a noite.

As portas da igreja, abertas de par em par, deixavam ver o interior resplendente de luz.

O espanto foi grande entre os rústicos, e nenhum ousou aventurar um passo, pôsto que os sinos continuassem a soar festivamente.

Foi um boiadeiro quem primeiro falou:

— Deve ser alguém da vila que faz soar a missa para trazer-nos recordações do pároco, fazendo que não passe em silêncio a noite santa de Deus!

Os sinos repicavam a mais e mais, e já, em frente da igreja, havia uma esteira de luz dourada que os cirios alastravam.

— Se fôssemos? — propôs o boiadeiro.

Volitaram todos em busca dos gabões e dos cajados, e, reunindo-se, com os olhos sempre fitos na igreja iluminada, foram seguindo em grupo cerrado, lentos, tímidos, parando de instante a instante, assustando-se ao mínimo ruído.

Ia à frente o boiadeiro, batendo fortemente com o cajado para animar a turba.

Longe, pelos quintais, ao

frescor da madrugada, cantavam mais vivamente os galos.

De repente, um grito atroou no grupo: o boiadeiro, que ia à frente, caíra de bruço junto às escadas da igreja, clamando. Nem um só homem atreveu-se a avançar para acudir-lo: e só quando o viram erguer-se com os braços alçados, brandindo o cajado grosseiro, foram caminhando.

— O pároco! O pároco! — bradava o boiadeiro, subindo trémulamente os degraus. E os homens, que haviam corrido, extáticos, parados, balbuciavam, com os olhos postos no altar da igreja: — O pároco que morreu! O pároco!

Começava a missa de Natal.

Junto ao altar, revestido dos hábitos religiosos, estava um velhinho pálido, inclinado sobre o livro santo, as mãos juntas, orando. À sua esquerda, fulgido, com um esplendor sideral, um anjo de asas cerradas, ajoelhado, agitava um turíbulo; outro, à direita todo num grande nimbo de luz, acobitava.

Nada se ouvia. De vez em vez o oficiante voltava-se para abençoar os campônios, e as suas pupilas fulguravam.

CANÇÕES DE NATAL NA ESCÓCIA

NADA é mais típico do espírito de Natal que a perfeita interpretação das velhas canções de Natal, pelas vozes puras e claras dos pequenos coristas. A Escócia é um centro único para tal música, na Catedral de St. Mary, em Edinburg, aonde vem gente de longe para assistir à cerimônia religiosa da véspera de Natal; e o belo trabalho da escola de canto da catedral encontra expressão num cântico de extrema harmonia.

Esta é a única escola do gênero na Escócia e o padrão musical é elevado; a inclusão do cântico no terceiro programa da BBC dá uma idéia de sua qualidade.

Os candidatos para admissão à escola precisam ter boa saúde e inteligência, contar entre oito e nove e meio anos, e submeter-se a um teste de voz antes de serem admitidos a título de experiência.

Admitido, o menino passa a ter instrução gratuita, livros e estudos musicais, que poderão servir de boa base para uma carreira musical, se mais tarde o desejar. Além disso, se ao chegar a idade máxima o aluno demonstra grandes possibilidades, a Catedral lhe dá uma bolsa para que complete seus estudos numa escola secundária.

O NATAL E AS LAPINHAS

(CONTINUAÇÃO)

A porta da mercearia, sobre encebado tamborete de pinho, se acomodava um tocador de viola cantando, na expectativa de uns niques, louvores aos que entravam, de par com outras lãs:

Na rua do Tambiá...
Ninguém pôde mais andá
Ca fumaça do charuto
E o cheiro do macassá...á...á

Quando os sinos repicavam a segunda chamada, fechavam-se as tavernas, a gente afluía para a igreja onde as mulheres resingavam por um lugar pois, rica ou pobre, bem ou mal vestida, tinham todas de assentar-se no chão, isto é, no piso de táboas que cobriam as sepulturas dos que ali estavam enterrados. As elegantes da época oscilando as anquinhas, ostentavam vestidos roçagantes, chapéus abundantes em plumas e flores, grosso cordão de ouro caindo do pes-

mesmo sentimento, levantaram para o céu os olhos agradecidos. A manhã de Jesús resplandecia.

E eis porque não tem pá-

coço prendendo o leque de penas brancas. Arrepanhavam, com dengue, as saias, deixando visível parte do calçado cor-de-bezouro, obra-prima das fábricas de Viena. Calculadamente despertavam atenção, pisando no bico das botinas entre os estreitos espaços deixados pelas mulheres acomodadas que se abespinhavam. Dirigiam-se para as proximidades do altar, solicitando docemente e bem timbrado, para serem percebidas durante o trajeto: —Dá licença!... Dá licença!... Dá licença!... Fora ficavam os homens cavaqueando, rindo-se à custa de algum embriagado, voltando-se para a porta do templo, levando os joelhos ao sólo, quando uma badalada anunciava o instante da elevação. O padre dizia três vezes Dominus Vobiscum, abençoava e saía para trocar as vestes talares e montar no cavalo que, selado e paciente, o esperava no

roco a igreja de São José do Monte; o presbitério é o céu, e o pároco é sempre o mesmo, que desce em espírito, para abençoar as almas e as campinas.

oitão da igreja para levá-lo, duas ou três ou quatro leguas além, ao ponto da celebração de outra missa.

Repiques de sino, o povo a dispersar. Boas festas!... Boas festas!... era a saudação de todos os conhecidos que se encontravam ou se despediam.

Uns voltavam à casa, cejavam, iam dormir; outros continuavam a diversão interrompida. O côco da rua do Grude, o maracatú do sítio de d. Eugénia, começavam mais ruidosos.

No dia seguinte, quanta panelada, sob o aperitivo cajurucana, servida à sombra das árvores de sítios existentes nas imediações da cidade!

A tarde do dia 25, exibindo seus trajes novos, que lhes evitaram os beliscões do Galo, destinavam os rapazes a correr lapinhas, pois no dia de Natal, as residências, que armaram presepes, tinham as portas franqueadas a qualquer visitante.

E que era uma lapinha?

Uma abóbada arredondada com folhagem de pitombeira, apoiada num tablado ou numa mesa. Internamente se adornava de estrelas de papel de lata e no último plano se distendia, acima do arremedo de montes e colinas, um painel de cidade mourisca, representando, por hipótese, a lendária Jerusalém. O mais se arranjava em harmonia com os recursos e o gosto artístico de quem confeccionava o presepe, conhecido popularmente sob a denominação de lapinha. O essencial seria que, no centro da abóbada, suspenso em fios de milão, representando raios de luz, estivesse o Espírito Santo, pairando ao alto das cabeças das imagens de São José e da Virgem, postadas ao pé da mangedora, onde dormia o menino Deus. Este se conservava deitado até o dia de Reis, quando se levantava, podendo daí, por diante, queimar-se a lapinha. O queima era ou não solene. No primeiro caso, os donos da casa convidavam amigos, contratavam cantadeiras, um terno de música e, se não podia organizá-los, vinha o cântico de

(Conclue na pag. 12)

SAUDAÇÃO A JESÚS

JOÃO DA VEIGA CABRAL

EU Te saúdo, ó Jesus, em nome da Música Universal.

Em nome da Música Universal de que nada represento, mas em cujo espírito acho-me integrado, assim como um miserável átomo de poeira no espaço de um dia luminoso.

Eu Te saúdo, ó Jesus, em nome dos que sofreram e sofrem, dos que se consumiram e se consomem por amor da Música. Em nome dos que, construindo com as sete notas da escala uma nova escada de Jacó, lograram por ela ascender à Tua morada de Paz. Mas eu Te saúdo, também, em nome dos que não tiveram forças para tentar a escalada suprema. Dos que se volveram para baixo, para a terra, para os seus pântanos e para os seus jardins. E fizeram das suas alegrias e das suas paixões o constante motivo da sua inspiração. Porque muito sofreram e muito sofrem aqueles que, com olhos e com coração de artista, vêem e sentem as lágrimas do Mundo.

E assim, eu Te saúdo logo, Senhor, em nome de Bach e de Beethoven. Em nome dos "Oratórios" e em nome das "Nove Sinfonias".

Em nome da prece de um santo e da revolta de um inconformado.

— x —

Eu Te saúdo, ó Jesus,

em nome dos que desprezaram os bens da vida para se darem ao sacrifício santificador da Arte. Em nome de Palestrina, o arcanjo da polifonia; de Haydn, o "pai

da Sinfonia"; de Mozart, apelidado o "Divino"; de Schumann, o louco, de Mendelssohn, o tranquilo. E também de Schubert, o humilde, o que vendia uma canção por um jan-

tar. Loucos e divinos foram todos esses homens que tanto Te serviram, servindo à causa da Beleza e da Verdade.

— x —



PAGANINI E O VELHO CEGO

Em uma tarde de Natal, dois cavalheiros, transidos de frio, atravessavam uma rua de Londres, às margens do Tamisa, quando depararam com um velhinho cego e andrajoso, que tremulo, tentava arrancar de um velho violino que trazia uns acordes, em troca dos quais lhe atirassem os ouvintes alguns niqueis com que matar a fome. Mas em vão o fazia. O violino não despertava a curiosidade nem a atenção de ninguém.

Subito, do velho mendigo musical, acercou-se um dos passeiantes que, em péssimo inglês lhe disse:

— As coisas vão mal... Não? Nada de niqueis hein?

— O dia de Natal é sempre bom, senhor — respondeu o ancião. — Mas faz muito frio e ninguém quer abrir as janelas.

— Obrigue-os a isso — insistiu então enérgico o forasteiro — toque até que tenham de abrir-lh'as.

— Oxalá pudesse — ge-

meu o ancião.

Subitamente o cavalheiro tomou-lhe das mãos o violino e tirando as luvas, pôs-se a tocar.

Do violino explodiram então, notas e harmonias maravilhosas, arrebatadoras. Uma janela se abriu. Logo outra e outra. As moedas choveram como cataratas de água das janelas das casas sobre o chapéu do velho cego, as quais o campanheiro do forasteiro recolhia e entregava ao mendigo. A rua inteira veio para as janelas e para as portas. Quando cessou a música, um punhado de moedas de prata enchiam os bolsos e o chapéu do cego.

— Seu nome? Seu nome, senhor, suplicou maravilhado o velhinho, quando o violino lhe foi devolvido.

— Chama-se Paganini — respondeu o acompanhante, do exímio artista que se apartava a passos largos, fazendo drapejar a capa como um estandarte de vitória.

Eu Te saúdo, ainda, Senhor, em nome dos músicos sem nome. Em nome dos trovadores desconhecidos de todos os países e de todas as idades. Em nome dos seres teiros e dos violeiros da minha terra e do meu tempo. Em nome de Adão de la Halle e de Catulo da Paixão Cearense.

Saúdo-Te, enfim, Senhor, em nome dos doutores da Música e em nome dos que a ela serviram e servem tão somente iluminados pela graça da intuição.

Em nome de Wagner, o poeta de deuses e em nome de Josué Romano, o cantador analfabeto das estradas tristes deste Nordeste brasileiro.

— x —

Em nome da Música, ó Jesus, o seu e o Teu ser — vo saúdo em Ti o Músico Supremo.

Porque criaste para os ouvidos e para o coração do Homem — na misteriosa musicalidade do Teu Evangelho — o mais sublime dos cânticos de Paz e de Esperança.

Porque Tu és, Senhor, o Divino Músico do Sermão da Montanha.

Glória a Deus nas Alturas e Paz

MENSAGEM DO NATAL

Hernani de LENCASTRE

VAl quase em dois mil anos, pouco menos...
Como agora, no Mundo, dessa vez,
os tempos nada tinham de serenos,
mas, não trazia cota, espada, arnês...
Trazia uma Mensagem fraternal...
Só palavras de Amor, de Paz, de Bem...
Num berço bem humilde, por sinal,
numas míseras palhas, em Belem,
foi que nasceu... Sem sedas nem brocados,
dos que há pelos palacios... Sem riquezas,
das que tornam os homens tresloucados...
Sem as sombras sinistras das grandezas
que separam patricios de plebeus
e dão aos potentados a arrogância
de supor-se tão fortes como Deus.
Foi, pois, bem pobrezinha a sua infância.

O Menino nascido nessas palhas
trazia uma Mensagem nova, ardente,
que fez estremecer velhas muralhas,
juntando em sua volta ondas de gente...
Divisórias de escravos e senhores,
fronteiras entre raças e nações,
ela as galgava, em ânsias e fervores,
caminhando direita aos corações...
A Mensagem correu... correu... rolou...
O Menino cresceu e fez-se um Homem...
E das ondas que ergueu uma o matou.
Mas palavras de luz nunca se somem!
O seu Verbo ficou... Voou... voou...
E no peito dos pobres, deste Mundo,
nasceu uma Esperança... Triunfou!
Pois a Esperança em pobre, vagabundo,
sem choupana, sem bens, sem nada, enfim...
é tudo! É flor que nasce, perfumada,
em vil deserto, e o torna num jardim,
onde há pombas em branca revoada...
É asa que os afaga com ternura...
Chama que aquece a carne arrefecida...
Farol que brilha, ao longe, em noite escura...
É tudo! tudo! Ela é a própria Vida!



Desenho de HERMANO JOSÉ

POEMA

FELIZ de quem quando o ano termina
possue um doce e acolhedor abrigo:
a companheira, o filho, a avó tão rara
ou mesmo o amigo
com quem possa se reunir em Cristo
e a sua vida interior desperte viva
uma alma de São Francisco dentro
o amor generoso, o heroísmo estranho
de beijar um leproso,

rra aos Homens de Boa Vontade

DO "CANTO DO MISTÉRIO DO NATAL"

Augusto Frederico SCHMIDT



CORREIO DAS ARTES

NATAL

abrar-se de que ha no mundo
ras de Deus pelo Natal
ompanheira, e sem a avó tão rara
um beijo de mãe ou de um filho
sem um livro que substitua o amigo.
de quem quando o ano termina
ver a estrela no céu
olhos ainda
encontrar Jesus.

E vem do fundo misterioso do Natal,
Do fundo da longa e lucida noite de Natal,
A grande música.
São sinos que tocam nas brumas,
São harpas que as asas dos anjos fazem tremer,
São soluços de crianças,
São dores gloriosas,
São gemidos e risos dos simples.
É a música da Transfiguração
Que vem do fundo da noite de Natal
E a música realiza a Contemplação
Ouçamo-la com os olhos pasmos:
A hora é noturna
O crepúsculo já fugiu há muito com as suas lon-
[gas asas
E os braços da noite principiaram a embalar a
[terra
Há uma candeia que o vento ao longe balança
Há uma luz que tremula indecisa nos limites das
[trevas
Há uma luz que resiste aos ventos e que resiste
[às chuvas
E a noite desabrocha como a rosa na hora plena
Cheia de graça e harmonia.
Natal! Os sinos romanos, sómente muito depois
[traduziram
A tua incrível poesia para o nosso entendimento!
Natal! Ó sinos do futuro, tão silenciosos ainda!
Eu vos ouço vibrar, sôbre a pobreza do presepio,
Ó sinos da Roma vencida, sinos ainda invisíveis,
Sinos em torres de igrejas não construídas
Eu vos ouço, sonoros, cantando e abençoando
A pobre noite de Belém
A humilde noite de Belém.
A nua e tocante cena do nascimento do Filho dos
[viajantes sem pouso
Sinos de ouro, sinos de bronze, velhos sinos
Sinos que iluminais as noites dos séculos
Sinos que desceis límpidos aos corações poluídos
[e sombrios
Sinos da igreja invencível
Eu vos estou ouvindo, vibrantes dentro da noite
[gloriosa
Em que as formas humanas, as pobres formas
[humanas
As pobres formas de um menino fragil contive-
[ram o próprio
Verbo que era levado sôbre as águas nos dias
[primeiros]

CARRO-DE-BOI

BATISTA DE QUEIROZ

NÃO faz muito tempo que o carro-de-boi passou a se constituir um interessante anacronismo. Até bem pouco, teve como tudo que existe, a sua aplicação indispensável e mesmo disputada.

Lembro-me ainda, dos austéros senhores de engenho da minha terra, conservadores e «valientes», que saíam de seus feudos, esqueciam as suas senzalas, montavam no carro-de-boi e vinham assistir na cidade, à Santa Missa. Havia uma particularidade na celebração da cerimônia, que refletia fielmente, o prestígio da monocultura da cana-de-açúcar naquela época: o vigário só começava a celebração, depois de chegados os senhores de engenho, especialmente, o senhor do Engenho Gameleira, homem respeitado pelo dinheiro e arbitrariedades. Penso até, que só havia missa, com o seu beneplácido, o aprazimento de César.

Tudo se modificou, entretanto, com o advento da máquina. Para acompanhar a marcha do tempo, que se acelerava para o dinamismo, se fez sentir uma radical evolução. Engenhos de besta, foram substituídos vantajosamente, por maquinarias vindas da Europa. O senhor do Engenho Gameleira, viajava, então, no FORD 29 de Seu Leite, a «limousine» da época e o Pe. Artur Beltrão passou a dizer missa na hora marcada, não sei se pela pontualidade do veículo ou por coerência com a evolução. O carro-de-boi, entretanto, em nada evoluiu e se evoluisse deixaria de ser carro-de-boi, fez exceção a regra geral. Ficou esquecido como um Pracinha. A aristocrática «limousine», passou ao primeiro plano. Os homens, antes despreocupados com o fator tempo, tornaram-se apressados, disputando segundos. Tempo e dinheiro equilibraram-se em valor e procura. O problema das estradas começou a desafiar a tenacidade dos homens públicos, a tal ponto, que o

venerando e respeitável Washington Luiz, nas suas prédicas governamentais, dogmatizava: «governar, é abrir estradas».

Dar um passeio na «sopa», era o maior divertimento da matutata nos dias de festa de Natal, aos solavancos de uma estrada esburacada. Muitas vezes, co-

mo ainda hoje acontece, a melindrosa «limousine» sofria um transtorno intestinal. Então, o carro-de-boi se desagravava. Vinha estrada a fóra, gritando como um possesso, talvez de ironia ou de vingança, como uma sombra do passado a querer viver o presente, curar as feridas de seu al-

gôz, arrastando-o como um entulho da estrada.

E assim, passaram-se os anos. Os homens insatisfeitos, passaram a se hostilizar. Preconceitos raciais, baniram da mentalidade cristã, o lema de «amai-vos uns aos outros». Surgiram doutrinas exóticas, as mais dispare. O Direito da força litigia com O Direito do Direito. O Oriente se separa do Ocidente. Partem-se os élos diplomáticos. A humanidade não se compreende. Vem a conflagração mundial.

A máquina perde o mérito de aproximar as civilizações. O petróleo, elemento vital do organismo motor, desaparece quase por completo do comércio. O governo do Brasil, a título de economia nacional, veda o trânsito aos automóveis particulares. O câmbio negro, domina em todos os postos de abastecimento. Volta, então, o carro-de-boi a figurar no cartaz do dia, como o herói da necessidade pública, solucionando em boa parte, o problema dos transportes. A minha cidade, readquire o seu aspecto pacato e sonolento de cidade pequena do interior, perdendo aquela fisionomia desvairada de uma fábrica de novidades. Volta aqueles tempos, quando o senhor do Engenho Gameleira vinha trepado como um fardo informe num carro-de-boi, assistir à Santa Missa, penitenciar-se de suas injustiças. Não sei se o vigário, voltou a esperar pelos feudatários para celebrar a Santa Missa, mas é essa a história que me contam os carros-de-boi. Cruel ou amena, tem qualquer coisa de comum e de humano com a história dos homens. Conforma-te carro-de-boi! És o precursor dos transportes! Mereces-te um capítulo no ciclo da cana-de-açúcar. Refletes quatrocentos anos de vida de uma civilização que é minha, que é tua também: a brasileira.



O BOI E O BURRO

GIOVANNI PAPINI

OS primeiros adoradores de Jesus foram animais e não homens. Entre os homens ele procurava os simples; entre os simples, as crianças; acolheram-no, porém, os animais domésticos mais simples e mais doces ainda que as crianças. O burro e o boi, humildes e submissos, já tinham visto as multidões se prosternarem diante deles.

O Povo de Jahvé, o povo libertado por Jahvé da escravidão do Egito, quando Moisés o deixara no deserto para falar com Deus, obrigou a Aarão a fundir-lhe o bezerro de ouro. O burro na Grécia era consagrado a Ares, a Dionísio, a Apolo Hiperboreo. A burra de Balaão, mais sábia que o sábio, por suas palavras salvara o profeta. Ochos, rei da Pérsia, fizera adorar um burro no tempo de Phta. Poucos anos antes do nascimento de Cristo, Otávio, indo embarcar na véspera de Actio, encontrou um burriquelro com seu animal.

O burro chamava-se Nikon: o Vitorioso; e depois da vitória no templo votivo, o imperador erigiu um burro de bronze para comemorá-la. Reis e povos haviam até então adorado o boi e o burro. Mas eram apenas reis e povos da terra e Jesus nasceu para lhes disputar o império. Com ele se acabam a adoração do Animal, a fraqueza de Aarão e a superstição de Augusto. Mata-lo-ão os burros de Jerusalém, mas hoje os de Belém o aquecem com o seu hálito. Quando Jesus entrar para a última Páscoa na cidade da morte, virá montado sobre um burro; mas sendo ainda maior que Balaão, vindo para salvar não só os Judeus mas todos os homens, ele não retrocederá do caminho aos apupos de todos os asnos de Jerusalém.



VALORIZEMOS O PRESEPIO

VERISSIMO DE MELO



Vista parcial de um presépio, armado segun do a velha tradição brasileira do Natal.

NENHUMA tradição cristã e latina é mais tocante e significativa para os brasileiros do que o presépio familiar, armado durante o Natal, numa singela homenagem ao nascimento de Jesus.

Guardo da casa de meu avô, na infância, recordação viva e perene do presépio que todos os anos lá se armava. Aquilo, para os meus olhos de criança, era um mundo maravilhoso de sugestões. Horas e horas, ficava a contemplá-lo, com suas montanhas de pedras, a Estrela anunciadora ao alto, os santos e as figuras tradicionais, uma infinidade de ornatos pitorescos, como aquele espelho na parede, imitando um lago e sobre o qual boiavam pequenos patos coloridos. Só a organização do presépio, com tantas figuras, tantos enfeites, tantos trabalhos, já era uma festa. Todos ajudavam, trazendo isso ou aquilo, para que nada faltasse à miniatura da Natividade. Depois do presépio da casa de meu avô, vi somente outro na infância que

me impressionou bastante. Foi aquele da casa de Dona Bela, — uma cidade em ponto pequeno, e que ainda no ano passado soube por pessoas de minha família que havia sido armado mais uma vez, com o mesmo carinho de sempre.

É muito triste verificar que a tradição do presépio, pelo que estou informado, tende a desaparecer nesta cidade. Chefes de famílias, por ignorância e sem qualquer exame do grande mal que praticam, estão introduzindo em suas residências, em lugar do encanto natural do presépio, tradições outras de origem pagã e ariana, como a chamada árvore de Natal ou o Papai Noel, de trajes nórdicos, apesar do nosso calor tropical.

Esse espírito de servilismo de muitos patricios nossos, que desprezam as verdadeiras e puras tradições latinas por outras de procedência européia, precisa ser combatido enquanto é tempo, através de uma campanha ampla de esclarecimento à população pela im-

prensa, rádio e outros meios de difusão.

Nenhum povo merece respeito se abandona as suas tradições e as substituem por modelos estrangeiros. A árvore do Natal e o Papai Noel são verdadeiros atentados à nossa dignidade nacional. Precisamos defender o presépio contra essa invasão de ídolos pagãos e arianos.

Um cientista alemão, Carlos Frederico Von Martius, (comenta o sr. Amaral Gurgel, tradutor do seu livro «O DIREITO ENTRE OS INDIGENAS DO BRASIL», p. 13), visitando em 1817 a pequena vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Pindamonhangaba, em São Paulo, deslumbrou-se diante de um presépio, admirando-se como num recanto modesto e pobre como aquele, «situado na solidão de um caminho pouco transitado, houvesse tanta poesia e tanto carinho na maneira como se homenageava aquele grande dia».

Von Martius, estrangeiro, sentira uma profunda emoção ao contemplar uma

tradição cristã genuinamente nossa, porque é de origem latina. Tivesse ele encontrado uma árvore de Natal, tradição de seu povo, outra teria sido a impressão, para não dizer decepção, em virtude, naturalmente, das ricas árvores que vira em sua pátria, na Alemanha.

Isso foi em 1817. Se Von Martius fosse vivo e voltasse ao Brasil, teria a mesma e desoladora impressão de que estou possuído, vendo as tradições realmente brasileiras serem substituídas por outras alemãs ou russas. Por isso o sr. Amaral Gurgel, no livro citado, lá pelo ano de 1938, teve esta frase de protesto contra a invasão dessas tradições estrangeiras no Brasil: «Infelizmente, o modernismo de mau gosto, desprezando o que é nosso, substituiu a beleza típica do presépio pelo prosaísmo da árvore do Natal...»

No ano passado, Alceu Maynard Araújo iniciou em São Paulo uma proveitosa campanha pela imprensa em favor do presépio. Secun-

dando a sua respeitável opinião, escrevi artigos em jornais desta cidade, do Recife e de São Paulo defendendo a mesma causa honrosa, isto é, a valorização do presépio. Todavia, estou certo de que «uma andorinha só não faz verão» que só terá resultado prático a campanha que tiver o patrocínio da unanimidade dos tradicionalistas brasileiros, com a cooperação dos homens de boa vontade.

Quanto à árvore do Natal, indispensável nas residências dos ricos e ignorantes, estou certo de que só será destruída por meio de uma campanha de ridículo constante e sem tréguas.

Um ilustre etnógrafo português, dr. Armando de Mattos, publicou recentemente no boletim «DOURO LITORAL», n. IX da 3ª Série, uma oportuna conferência que pronunciou no Porto sobre «O PRESEPIO NA ETNOGRAFIA PORTUGUESA» e onde teve o ensejo de defender idêntico ponto de vista, com palavras incisivas e que merecem divulgação. Referindo-se ao fato de que o presépio, nos grandes centros, tem sido prejudicado pela difusão de elementos estranhos à raça portuguesa, escreve o dr. Armando de Mattos: «Estes elementos estranhos a que me refiro, estão a ver, são a árvore do Natal e a figura barbuda do pai Noel, vestida de encarnado e por figurino russo. Foram estes os agentes que prejudicaram durante dezenas de anos o natal português!»

E como medida saneadora dos bons costumes lusitanos, acrescenta o dr. Armando de Mattos: «E hoje o movimento de expulsão nos lares portugueses, da árvore e do limpa chaminé, nota-se com grande desvanecimento daqueles — que têm ainda a felicidade de acreditar nas virtudes e qualidades da nossa gente, dos nossos costumes, da nossa alma portuguesa».

Assim falam e escrevem os homens cultos de Portugal.

Nós, brasileiros, irmãos pelo sangue e pela origem latina dos portugueses, precisamos também expulsar das nossas casas esses fan-

POEMA LÍRICO PARA A NOITE DE NATAL

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

CAEM do alto as estrelas desfolhadas
Sobe da terra a voz dos sinos perdidos.

Dá-me as mãos, meu amor, olha o céu e recorda
Esquece a inútil ansiedade, esquece o tumulto inútil.
Esquece a brutalidade do desejo sem jé
E a amargura do desalento sem esperança.

Esquece os cegos, esquece os surdos, esquece os loucos,
Os que põem sangue pela boca e os que têm feridas no corpo.
Esquece os que duvidam e os que fraquejam: os oprimidos e rebelados,
E os que amontoam o ouro e os que procuram o nada.

Esquece toda a onda clamorosa dos que sofrem
E olha o céu.

Abre de novo os olhos maravilhados da infância
Crê, outra vez, nas virginais verdades desmentidas,
(Papai Noel encapotado,
As árvores verdes, cheias de bolas coloridas...).

Que noite linda!

Meu amor dá-me as mãos,
Fecha os olhos,
Recorda...

O Natal e as Lapinhas

(CONCLUSÃO)

pastorinhas da Romana ou de outra qualquer profissional, sob ajuste prévio, dançar no festival. Pelas oito horas da noite, casa repleta de convidados, começava a função, uma espécie de drama coreográfico, lírico-religioso. As cantadeiras entoavam as jornadas rufando Pandeiros e as pastorinhas agitavam maracás e recitavam versos. Formavam duas alas; todas vestiam de branco, distinguindo-se cada secção pelos laços e faixas azuis ou encarnados, das pastoras. Entre as duas fileiras, o anjo dançava sozinho. O sereno, a cada quadrinha recitada, vibrava com arrogância:

+++++
foches nórdicos, restituindo ao presépio humilde e cheio de tantas evocações o lugar destacado que ele conquistou por direito nos lares e no coração dos brasileiros.

— Um viva ao vitorioso cordão encarnado!

— Um viva, acompanhando de palmas, às pastorinhas do cordão azul!

Ao arder da lapinha, quando as cantadeiras, num tom maguado harmonizavam:

— Acendei, fogo, acendei!

os partidários se exaltavam —: vivas, gritos, em purrões, pancadas.

A lapinha, que tanto se armava na casa pobre como na abastada, tinha significação religiosa, era uma tradição, ingênua, poética e familiar. Depois surgiu o pastoril mercenário com as suas Dianas, as suas Ciganas, com o seu Fúria, o seu Ponchét; as suas arrematações; o pastoril de moças, o pastoril de mulheres explorando as bolças dos espectadores; o pastoril dos tablados e dos teatros; sur-

giu o pastoril para desabono das lapinhas!

No Tambiá se confeccionavam muitos presepes. O queima de mais rumor, de mais cuidado para a polícia, se verificava na rua do Grude, sábado do Carnaval, último dia permitido a tais funções.

Quasi sempre o queima se efetuava à meia noite, afim de servir-se chá, de se iniciarem as danças, oferecidas às pastoras e aos convidados. O pessoal pobre custeava tais funções por meio de quotas angariadas entre os de sua classe, ou entre compadre, entre admiradores da mestra, da contra-mestra e das pastoras, varias destas vestidas e ornadas com elegância e luxo por algum partidário exaltado... que desta forma estimulava a maledicência de quantos se inteiravam da generosidade...

O Dia De Natal No Calendário Histórico Brasileiro

VILHENA DE MORAIS

A HISTORIA propriamente dita do Brasil começa, pode-se dizer, do ponto de vista cronológico, no mês de Abril, com a solene quadra litúrgica do oitavário da Páscoa, donde as primeiras denominações topônicas que recebeu a colônia começaram pelo próprio glorioso nome de Terra de Santa Cruz mais tarde, definitivamente, perdido.

Nos seus fastos históricos figura também o dia de Natal em episódios de vários aspectos que não deixa de ser interessante, ao de leve, rememorar.

No calendário da Igreja, como evento político-religioso de máxima importância, avulta, certamente, o que na noite de Natal do ano de 800 presenciou a Cidade Eterna.

Ajoelhado, em oração, na Basílica de São Pedro, achava-se Carlos Magno, quando dele se aproxima o Papa Leão III e lhe coloca na fronte uma coroa de ouro, por entre os alegres vivas da multidão ao novo imperador dos romanos. Uma era se abria para a cristandade, sob a égide de um soberano cuja dinastia se não deveria durar mais de duzentos anos, exerceria, contudo, um influxo de projeção incalculável que ainda perdura na marcha da civilização em todo o mundo ocidental.

Mais tarde, ao levar essa mesma cristandade europeia, por esse mesmo imperador unificada, armas vitoriosas ao Oriente muçulmano, para a conquista dos próprios lugares santificados pela passagem do Redentor, é na Basílica da Natividade que Balduino, irmão de Godofredo de Bouillon, no dia de Natal do ano de 1101, se faz sagrar, na própria cidade de Belém, em que fora outrora Davi ungido pelo Sumo Sacerdote Samuel.

Prosseguindo a mística empreza, no dia de Natal do ano de 1145, decide-se a segunda Cruzada, como na mesma data do ano seguinte se resolve também, na

dieta de Spira, a tomar a Cruz Conrado III, imperador da Alemanha.

No Brasil, a primeira efeméride natalina a assinalar-se, na ordem dos tempos, é, salvo erro, no ano de 1562, em São Paulo, a morte do famoso chefe indígena, Tibiriçá, que cristianizado por Anchieta e Leonardo Nunes como Martim Afonso, não teve dúvidas de citar certa vez como um dos verdadeiros precursores — que o diria? — da ação católica entre nós.

Vinte e nove anos depois, em 1591, assistiam piedosamente os moradores da Vila de Santos à missa de Natal, quando, justo na hora da elevação da hóstia, sobrevém o inesperado ataque dos corsários ingleses capitaneados por Cavenish, aos quais, por isso mesmo, não foi possível opor a mínima resistência.

Pouco depois, vinculada à recordação do grande acontecimento do Natal, aparece, no Rio Grande do

Norte, a fortaleza dos «TRES REIS MAGOS», que dá lugar, no ano seguinte, isto é, 1599, no dia 25 de Dezembro, à instalação da Vila, depois cidade de Natal.

Passava assim a ter o nosso país uma cidade especialmente consagrada à perpétua lembrança do nascimento de Cristo.

Outra, ainda mais importante no decurso dos tempos se lhe deveria quase imediatamente seguir. A fim de ocupar o Amazonas, parte do Maranhão, a 25 de Dezembro de 1615, Francisco de Caldeira Castelo Branco, e funda uma fortaleza e uma povoação à qual, como recordação da data de sua partida, dá desde logo o nome de Cidade de Nossa Senhora de Belém, hoje, com centenas de milhares de habitantes, metrópole do Pará.

Atalaias do Extremo-Norte, são, hoje em dia, essas duas capitais brasileiras, Natal e Belém, as mais im-

portantes, sem dúvida, entre as cidades que se condecoram, em todo o mundo, com tão glorioso título.

Só uma nação, como a nossa, cristãmente privilegiada, nos altos destinos de sua vocação histórica, se poderia ufanar da coincidência dessa dupla comemoração topográfica de uma data tão cara do sentimento do mundo civilizado. De origem lusa é também — descoberta um século antes — Natal da colônia inglesa da África do Sul.

Belém! Natal! As brisas do Rio-mar e do oceano Atlântico, ecoam, já há séculos, esses dois nomes sonoros com a alacridade festiva das músicas angelicais que anunciaram aos homens outrora a vinda do Divino Infante.

Bastam pela formosura e luminosidade da sua projeção indefinida a compensar de certo as sombras que a tristeza espalha ainda hoje, em torno de outra efeméride do ano de 1636.

Dia de Natal! Os paulistas caçadores de escravos, prosseguindo na obra vandálica iniciada por Antonio Raposo Tavares, tomam de assalto um redil de índios mansos civilizados da redução jesuítica de São Cristóvão, no Rio Grande do Sul!

No ano seguinte, na mesma data, o mesmo nome de São Cristóvão figura na tragédia do incêndio de Sergipe d'El Rey pelo invasor holandês, cujas atrocidades sem conta inspiradas pelo fanatismo sectário, fizeram tantos mártires quase de todo esquecidos. Basta recordar aqueles meninos dos quais narra Lopes de Santiago, «arrancaram aos três as unhas e lhes quebraram os dentes e foram depois cruelmente açoitados, pingados e desconjuntados que foi miserando espetáculo; puzeram a cada qual dos três entre duas tábuas separadas com muitos pregos e os algozes em cima, que lhes faziam entrar os pregos até as entranhas. Eles muito conten-



MADONA COM MENINO — Francisco Brentand

O PRIMEIRO PRESEPE

tes nestes tormentos, chamavam por Deus e sua Santíssima Mãe, e o que mais lhes aliviou, foi pedir com muita instancia os deixassem confessar, e, por não poderem já andar, amarraram a cada um uma corda no pescoço, arrastando-os largo espaço até os pendurarem e acabarem de matar arcabuzando-os. (1).

A opressão durava, como se fôra eterna, havia quase trinta anos. Para pôr-lhe termo reunem-se em conselho, dia de Natal no ano de 1653, na cidade de Olinda, ao redor de Francisco Barreto de Menezes e Pedro Jacques de Magalhães, os principais chefes da insurreição pernambucana. Resolvido um ataque geral e imediato às fortificações do Recife, estava enfim selada a sorte do invasor protestante na Terra de Santa Cruz.

Eis-nos agora, duzentos e quinze anos mais tarde, nos campos paraguaios, em plena «dezeembrada», sob o comando heróico de Caxias, junto às Lomas Valentinas. Na noite de Natal, querendo poupar derramamento inútil de sangue, intima o general em chefe rendição às forças inimigas.

Lopes recusa com arrogância. A luta interrompida um instante sob a bandeira branca, recrudescer implacável.

No dia seguinte, pelas bocas flamivomas de 50 canhões, troando desde o romper da aurora, reafirma o Brasil a sua resolução enérgica de vencer, como de facto venceu, entrando o nosso exército, daí a dias, triunfalmente em Assunção.

Outros, e quicá mais expressivos, episódios haveria talvez dignos de registro, sobretudo nos segredos da história íntima da vida espiritual do país. Poucos, embora, os que aí ficam, dão que pensar.

São quase todos, em doloroso contraste com a serenidade e doçura que envolveram o berço do Príncipe da Paz, nascido no silêncio da noite entre manjeaduras, como um raio de luz, ao som dos hinos celestiais, cenas de força e luta, de extermínio e sangue, cenas de guerra. A própria fundação de Natal e de Belém, são com os seus

A ORIGEM do presepe é devida ao fato da Virgem tendo chegado a Belém em companhia de seu esposo São José, como não encontrasse albergue em que pudessem passar a noite, ter-se refugiado no estábulo, que era uma gruta escavada na rocha. Os evangelistas não dizem se nessa ocasião se encontravam no estábulo o boi, o asno que são representados nas esculturas e pinturas, mesmo as mais antigas, do nascimento de Cristo.

Alguns acreditam que a Virgem Maria tivesse ido a Belém montada num jumento e São José conduzisse um boi para vendê-lo ou para sacrificá-lo, como era então o rito do nascimento.

Os presepes em miniatura, que se arramam em muitas casas e igrejas para Natal e Reis, tiveram sua origem na Itália, no vale de Rieti, por iniciativa de São Francisco de Assis, no ano de 1223. Uma noite de Natal, São Francisco mandou levar para uma gruta do bosque de Greccio, um comedouro cheio de feno, a imagem de um menino e as figuras do boi e do asno. São Francisco convidou para a cerimônia os habitantes da aldeia e acudiu grande multidão de camponeses, entre eles muitos pastores que desceram da montanha, tocando gaitas e cornamusas. Desde então a representação do presepe tornou-se costume anual de todas as ordens religiosas, e mesmo em todas as igrejas e capelas, sem contar as famílias boas que introduziram essa piedosa prática em seus próprios lares.

nomes tão suaves qual um hinhalar de sinos, duas árduas etapas de uma prolongada conquista, a ponta de espada sobre o índio bárbaro e antropófago ou o invasor estrangeiro. Com uma única exceção, entretanto, foram elas lutas generosas que tinham por alvo apenas o estabelecimento da Paz. Tal é a nossa dura condição terrena. Vita hominis — di-lo a Sagrada Escritura — militia est. A vida do homem e a das nações, até a consumação dos séculos.

Ainda hoje, sob os céus brasileiros, é essa mesma Natal uma formidável praça de guerra, em cujos ares ruflam incessantemente, dia e noite, com bramido sinistral, asas possantes de aviões de combate, portadores da morte e da destruição sem remédio.

Mas há uma grande esperança, esperança fundada

nesse próprio nome auspicioso, no bendito nome da terra e na vocação histórica, nunca desmentida, do povo. Das vizinhanças da imagem fúlgida do Cruzeiro só poderão partir raios vingadores para fazer pedaços a cruz gamada do Anti-Cristo que pretendem implantar sobre a terra os inimigos do gênero humano. Nessa hora, esperemos, dando glória a Deus nas alturas alcançarão a Paz os homens de boa vontade, inaugurando-se afinal, no mundo, mais forte do que a força, a era em que se possa excluir: JUSTITIA ET PAX OSCULATAE SUNT.

(1) Rev. I. H. G. Bras. — Vol. 38 — Vide também Lopo, Curado Garro — separata do Arquivo Nacional.

um raio silencioso calisse, viram-se tocados por luz ofuscante. Arrojarão-se ao chão, sacudidos de terror. Uma voz lhes disse:

— Tranquilizai-vos. Trazei-vos notícias de grande alegria, que será também para todo o povo. (3)

Os pastores ergueram os semblantes, transtornados de susto e viram ali perto um anjo que tinha o fulgor do sol.

— Alegrai-vos — continuou o anjo — porque na cidade de David nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos será por sinal: achareis o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura. (4)

Quando o silêncio voltou sobre as montanhas, os pastores entreolharam-se mudamente. O mais velho exclamou:

— Grandes coisas deverão acontecer, porquanto tivemos aviso do céu.

E o mais moço:

— Vamos, pois a Belém e vejamos.

Apressadamente se ergueram e marcharam. Mas, antes de penetrarem a cidade, na encosta próxima à grande porta que se rasga na muralha, atentaram para a caverna de onde saía o clarão de uma fogueira.

— A manjedoura... murmurou o velho.

Acercaram-se. E encontraram um homem e uma mulher. Sobre as palhas, envolto em panos, um recém-nascido.

Ajoelharam-se, humildes, entre o jumento e o boi, que os olhavam com seus grandes olhos de candura animal. E adorando a criança, glorificaram e louvaram o Altíssimo, «por tudo o que tinham ouvido e visto como lhes tinha sido anunciado». (5)

(De «Vida de Jesus»).

BETLEM

(CONCLUSÃO)

Chegando no alto de um outeiro, olharam os campos adormecidos sobre os quais o céu parecia baixar,

o esquisito pressentimento os tomava, misto de alegria e de medo.

Repentinamente, como se

(1) São João, cap. 1, vs. 1, 2, 3, 4, 5 e 14.

(2), (3), (4), e (5) São Lucas, cap. 2, vs. 14, 10, 11, 12 e 20.

O NATAL NA VIDA DE LEON BLOY

(Seleção de textos dos «Diários» feita por OTAVIO DE FARIA)

1900 — Natal terrível. Tristeza imensa, estagnação na mais negra desdita, em companhia do nosso poeta e de sua mulher. Sensação de um isolamento, de um abandono terríficos.

**

1901 — Natal pode vir à vontade. Minha alma está anquilosada, enfiada, imóvel. Sinto-me como um velho relógio cheio de poeira.

Trevas da Noite, trevas da Aurora, trevas do Dia. Infinita desolação.

**

1902 — Natal. Missa cantada muito penosa por causa desse velho asno que é o nosso deão que não pode deixar de zurrar durante meia hora. Faria melhor economizando palavras e arranjando um pouco de carvão. A igreja não fica nunca aquecida. Volto para casa enregelado até o amago da alma e até a medula dos ossos.

**

1903 — Natal. Mesmo hoje o nosso deão não promove o aquecimento da igreja. Na missa cantada, eu estava gelado até os ossos e tive de suportar, durante três quartos de hora, a tagarelance desse velho avarento. Há alguns dias, disse ao nosso desgraçado sacristão, pai de seis filhos e sordidamente remunerado: "Não gosto de empregados necessitados". A avareza sendo uma paixão que cresce com a idade, é terrificante pensar no fim deste padre.

1904 — Lido num jornal de tiragem de duzentos ou trezentos mil exemplares: "Em parte alguma a festa de Natal foi celebrada com mais animação do que no Palácio do gelo (do Demônio), nos Campos Elíseos".

**

1907 — Não gosto de árvores de Natal, tradição pagã que nos veio dos protestantes do Norte. Na época da minha infância, e mesmo mais tarde, esse costume era ignorado no meu país. Hoje, por certo, essa ignorância acabou, ao mesmo tempo que a fé singela de nossos pais.

1909 — Conheço uma garotinha odiosamente oprimida pelo pai, um ateu e cafageste universitário que seria infinitamente agradável de sancar. A pobrezinha, pelo Natal, logrou arrumar um pequeno presépio no fundo de um armário trancado à chave. "Aos seis anos, ela já está nas catacumbas!", me dizia Jacques Maritain.

**

1910 — Natal. Primeira comunhão de Tereza Brou, descendente de Joana D'Arc. Impresão deliciosa, profundo enternecimento. Rezei de todo coração por essa menina que, sentada na sua

humilde cadeira, a um passo de mim, representa para o meu espírito toda a história da França cristã.

**

1912 — Natal. Missa de Meia-noite. Começa mal para mim. Tenho de ouvir, assim soa a última badalada da meia-noite, o infame e crapuloso canto de café-concerto: "Meia noite, cristãos"... sempre pedido pelo demônio e que nossos bispos jamais ousariam proibir. Desde esse instante, todo poder de concentração me é retirado. Aliás, a horrível multidão burguesa que nos comprime está longe de ser o que me seria necessário para aliviar o coração. Refugio-me então na alma do bom padre M... que sei estar rezando justo neste momento por nós, num país de cinzas e de dor.

**

1913 — Como gratificação de Natal, o padre S... destinatário da minha carta de 14 de junho, e que, antes não deixava passar uma semana sem me expressar os seus afetuosos sentimentos, enfim me abandona.

**

1916 — Nosso arcebispo proibiu a missa de meia-noite. Motivo: economia de iluminação. É um meio seguro de mandar os pastores para os cafés e para os bares que estarão certamente iluminados à noite inteira.



NATAL

OSIRIS DE BELLI

DAS catedraes o alviçareiro dobre,
Esparge a contrição das horas bentas;
Um sentimento de igualdade cobre,
De lenitivo as almas famulentas.

Surpresa das creanças sonolentas,
Papae Noel — esse velhinho nobre;
Passando pelas casas opulentas,
Vae penetrar também nas casas pobres.

D'olhos voltados para o céu que espelha,
A' noite complacente se ajoelha;
Mandando hosanas á Jesus Menino.

E na matriz imensa da saudade,
Entro evocando com solenidade;
A juventude azul do meu Destino.

❁ *Correio das Artes* ❁

Ano II Número 54 — Suplemento Literário de A UNIAO João Pessoa, Paraíba — Domingo, 24 de dezembro de 1950



A ADORAÇÃO DOS PASTORES — Gravura da Escola Italiana